

LEITORES E BIBLIOTECA ESCOLAR: DO PERÍODO NEOLÍTICO AO *HOMMO SAPIENS SAPIENS*

READERS AND SCHOOL LIBRARY: NEOLITHIC TO *HOMO SAPIENS SAPIENS*

Rovilson José da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho trata da ação direta e indireta do projeto de formação de leitores em Londrina, intitulado *Palavras Andantes*, em paralelo à situação da biblioteca escolar no país que ainda tem características que se assemelham ao período neolítico das bibliotecas. Nessa perspectiva, de 2002 a 2012, tenho trabalhado em prol desse projeto, em um primeiro momento, como idealizador e coordenador direto de ações que resgatassem o papel da biblioteca na formação de leitores, na formação do mediador de leitura, na reestruturação do espaço, do acervo, pois apresentava o mesmo abandono que demais bibliotecas escolares do país. Posteriormente, como idealizador do projeto de informatização das bibliotecas escolares de Londrina e atualmente como coordenador do projeto de extensão universitária que oportuniza a formação de mediadores de leitura. Assim, Londrina torna-se um microcosmo da dificuldade, da ação e avanço rumo à condição de biblioteca do século XXI, isto é, da era *Hommo Sapiens Sapiens*.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de leitor. Biblioteca escolar. *Palavras Andantes*-Londrina. Informatização de biblioteca escolar.

ABSTRACT: This paper deals with the direct and indirect action of the readers training project in Londrina entitled *Rambling Words*, in parallel to the situation of the school libraries in the country that still have features that resemble the Neolithic period of libraries. In this perspective, from 2002 to 2012, I have worked for this project, at first, as the founder and coordinator of actions that would rescue the role of libraries in education of readers, in education of the reading mediator, in the restructuring of the acquis, as it presented the same abandonment that other school libraries in the country. Later, as the creator of the project of computerization of school libraries of Londrina and currently as coordinator of University extension project that provides training of mediators. Thus, Londrina becomes a microcosm of difficulty, action and advance towards the 21ST century library condition, i.e. era *Hommo Sapiens Sapiens*.

KEYWORDS: Reader Education. School library. *Rambling Words* – Londrina. Computerization of School Libraries.

¹ Doutor em Educação. Professor da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: rovilson@uel.br

Introdução

A educação tem avançado em nosso país, ainda que lentamente. Há experiências sendo realizadas em diversos âmbitos do ensino, mas é preciso ponderar que ela também sofre do mal que acomete o Brasil como um todo, principalmente no que tange à administração pública, a descontinuidade.

Nas secretarias municipais de educação (SMEs), assim como em outras esferas administrativo-governamentais, prevalece a descontinuidade das ações que, quase sempre, duram apenas a administração do grupo majoritário no poder. Assim, quando há troca de secretário da pasta, muda-se quase tudo que vinha sendo proposto e encaminhado, pois não há avaliação do que estava funcionando adequadamente para, depois, reorganizar aquilo que deva ser melhorado.

O resultado disso é que, em geral, as SMEs interrompem projetos, recomeçam outros com perspectiva pedagógica que, muitas vezes, se contrapõe ao que se desenvolvia. Assim, como a mítica Penélope que fiava durante o dia e desfiava durante a noite para se livrar dos pretendentes a casamento, nossa educação, desastrosamente, faz esse processo em âmbito geral, o que contribui para ampliar nosso atraso rumo à educação de qualidade, à leitura e, conseqüentemente, à biblioteca escolar.

Nessa perspectiva, este texto apresentará um breve panorama do que tem acontecido com o projeto de formação de leitores e as bibliotecas escolares, intitulado *Palavras andantes*, em Londrina de 2002 a 2012 e acredito que, indiretamente, trataremos da leitura e das bibliotecas escolares de nosso país.

Para isso, farei uma apresentação de como se deu o processo de formação do projeto e sua ação pedagógica em prol das bibliotecas escolares: revisitando a implantação, desenvolvimento do projeto de leitura da SME/Londrina e os desdobramentos até 2012 com o processo de informatização em concomitância com a análise da situação da biblioteca escolar no país, percalços e avanços.

Biblioteca escolar em Londrina: de 2002 a 2009 intervenções e mudanças

A biblioteca escolar esteve ausente em parte de minha vida acadêmica na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio. E não foi porque não frequentasse biblioteca, ou porque não gostasse de ler: era simplesmente porque há centenas de anos nossas escolas, direcionadas ao aluno infantojuvenil, são as que menos recebem investimento, são as que não possuem biblioteca, ou não possuem uma estrutura que mereça receber esse nome, pois muitas são nomeadas bibliotecas nos relatórios oficiais, mas, na realidade cotidiana, estão fechadas, ou são parte de um depósito da escola, ou do pior espaço físico destinado a ela. Conforme Avaliação das Bibliotecas Escolares no Brasil (2011, p. 63):

A observação dos pesquisadores, convergente, aponta que a maioria dos espaços denominados bibliotecas gerais, pelos agentes da pesquisa, não se caracteriza como tal. Em maioria, são espaços improvisados que pouco permitem que os usuários pratiquem diferentes tipos de leitura. Quando há mesas coletivas, estas são usadas por alunos para “pesquisas escolares” indicadas por professores.

De minha trajetória de formação como leitor até tornar-me professor da rede municipal de Londrina no final da década de 1980, numa escola de uma região periférica e violenta, reencontrei-me com a realidade escolar que eu tivera como estudante: a escola possuía duas dezenas de turmas e nenhuma biblioteca. Havia apenas um almoxarifado que servia para depositar os livros que ainda permaneciam novos, pois nunca chegavam às mãos dos alunos, por medo de que pudessem perdê-los ou estragá-los.

Anos mais tarde, nessa escola, participei da estruturação de sua biblioteca e lá trabalhei por mais cinco anos, como professor regente de oficina de biblioteca cuja tarefa era contar histórias, emprestar livros e orientar as pesquisas para turmas de educação infantil à 4ª série.

Após trabalho junto à formação de leitores, biblioteca escolar e estudos de pós-graduação na área de Letras, em 2002, propus à SME/Londrina um projeto de formação de leitores cuja estrutura compunha-se dos pilares: a formação do professor mediador de leitura; realização de hora do conto semanal para todas as turmas; empréstimo de livros; readequação arquitetônica e pedagógica da biblioteca escolar e ampliação contínua do acervo.

Até 2002, a SME/Londrina possuía 79 escolas de pré-escolares a 8ª série, com a média de 29 mil alunos. Nessa época, havia 50 bibliotecas cadastradas na SME, entretanto, seu funcionamento era irregular e, aproximadamente, 1/3 delas estava fechada, ou seja, na realidade, apenas 30 estavam em funcionamento pleno.

A estrutura física dos espaços destinados à biblioteca era improvisada, caótica:

Durante o ano de 2002, foi possível visitar apenas 11 escolas [...] A cada escola visitada ia constatando as dificuldades e abandono existente em relação à biblioteca [...] A biblioteca servia para quase tudo, depósito, almoxarifado, livros acondicionados de todas as maneiras: em pé, deitado, de ponta-cabeça. No entanto, a função principal não era cumprida, a de mediar a leitura, de ser um espaço que instigasse a busca (SILVA, 2010, p. 82-89).

Se as condições físicas, arquitetônicas das bibliotecas não eram as melhores, o mesmo pode se dizer do professor que atuava na biblioteca escolar, pois formavam:

um grupo desprestigiado em sua ação pedagógica, embora nessa situação nunca fosse oficialmente admitida, mas no cotidiano o desprestígio era irrefutável [...]. A situação de desvalorização do trabalho acontecia por meios indiretos, tais como quando o trabalho realizado na biblioteca era interrompido para substituir a falta de professores [...] sendo que, muitas vezes, a escola possuía um auxiliar disponível, mas, ainda assim, só o professor da biblioteca era chamado para executá-lo. [...] era comum transformar a biblioteca em depósito para as coisas que não cabiam em outros ambientes da escola: cadeiras velhas, caixas, trabalhos de alunos e professores, sobra de livros didáticos, além de uma infinidade de objetos inomináveis [...]. Na Rede Municipal já há algum tempo existiam cursos de formação específicos para os professores regentes de sala de aula, auxiliares, supervisão etc., mas não para os professores que atuavam na biblioteca (SILVA, 2010, p. 77).

As condições físicas refletiam o encaminhamento pedagógico de isolamento da biblioteca, dos profissionais e ações a ela relacionados. A biblioteca funcionava como se estivesse num mundo à parte da escola e das questões pedagógicas dela. E o professor que trabalhava lá também, tornava-se um excluído.

Nas bibliotecas escolares da SME/Londrina o trabalho de mediação, empréstimo e organização da biblioteca era realizado por um professor, inicialmente, chamado de professor da *Hora do conto*. Assumir essa função na escola era, indiretamente, um demérito, pois o profissional indicado para lá era, em geral, os readaptados e os próximos à aposentadoria. Quanto aos primeiros, eram aqueles professores afastados de sala de aula, com laudos psicossomáticos e problemas nas cordas vocais, quanto aos segundos, eram vistos como um prêmio, descanso da sala de aula.

Até 2001, cabia à Biblioteca Pública Municipal de Londrina realizar os encontros com os professores das bibliotecas escolares. Na verdade, os professores, uma vez por mês, no período da manhã iam à Biblioteca Pública para entregarem a ficha com a estatística do mês. Esses encontros eram coordenados por bibliotecárias da instituição, pois a SME não tinha representante para acompanhar os professores da *Hora do conto*.

Importa esclarecer que, nessa época, havia cursos de formação para todas as áreas das SME, menos o que se referia à biblioteca, por isso, os encontros mensais com “os professores da biblioteca da escola” eram gentilmente coordenados por bibliotecárias da Biblioteca Pública Municipal de Londrina, uma vez que a Educação não interferia nesse processo, ou melhor, o ignorava completamente.

O fato é que a formação dada nesses encontros pelas bibliotecárias era muito restrita aos

afazeres da biblioteca, havia pouca discussão acerca da formação de leitores, da relação pedagógica entre escola e biblioteca, biblioteca e ensino. Essa situação delineava claramente o afastamento da SME/Londrina da biblioteca da escola. Era necessário romper a prática que ignorava a biblioteca no contexto escolar, assim, a partir de 2002 iniciei o projeto de formação de leitores da Rede Municipal de Educação de Londrina, intitulado *Palavras andantes*.

O projeto surgiu como alternativa para enfrentar a situação desalentadora que se encontrava a formação de leitores na escola e a biblioteca escolar, portanto, estabeleci quatro pilares para a atuação: a formação contínua do professor mediador de leitura na biblioteca, readequação arquitetônica e pedagógica da biblioteca, realização semanal da *Hora do conto* e estabelecimento de uma política de ampliação de acervo.

Para se chegar à mudança de concepção da biblioteca como apenas um apêndice sem importância no contexto escolar, uma das primeiras medidas a ser tomada foi a SME/Londrina assumir a biblioteca escolar e a formação dos professores que nela trabalhavam. Nesse ano, fui convidado a reorganizar o projeto de Leitura da SME e uma das principais medidas foi a de estabelecer que à Educação caberiam os cursos de formação e o acompanhamento pedagógico, enquanto que a Biblioteca Pública ainda continuaria parceira e responsável pela parte técnica do acervo, tais como registro da coleção, o processamento técnico, desbaste e acompanhamento técnico.

Em concomitância a essa etapa, houve implantação gradativa dos pilares que sustentavam a proposta, cada um se somando aos outros, de forma a se consolidar cada vez mais o projeto e, uma das iniciais, foi dar outra perspectiva pedagógica à formação e ao trabalho que o professor da *Hora do conto* desenvolvia na escola.

Ressignificar as reuniões mensais dos professores que atuavam na biblioteca era uma meta imprescindível para que cada escola e, posteriormente, toda a rede municipal, pudesse discutir pedagogicamente a biblioteca e, posteriormente, chegar à mudança.

Assim, houve o início do programa de formação contínua do professor da Hora do Conto que, com a inserção do *Palavras andantes*, passou a ser chamado de professor regente de oficina de biblioteca (Prob) nos documentos oficiais da SME/Londrina (SILVA, 2010). Ficou estabelecido que a formação estivesse no âmbito temático da formação do leitor na escola e no uso da biblioteca escolar, para tanto, os encontros mensais se organizaram em estudos teóricos e discussão de procedimentos do cotidiano, da prática, da dinâmica da escola.

Nos primeiros meses, parte do tempo de nossos encontros foi utilizada com lamentos e comentários a respeito da exclusão a que estavam submetidos na escola e na Rede Municipal os professores que atuavam na biblioteca. Essa depuração não foi evitada, pois era um dos modos salutar de o grupo limpar-se da opressão e exclusão que o Prob estava vivendo.

Tendo como norteador o *Manifesto da Biblioteca Escolar*, da Ifla/Unesco (1999), ao final desse primeiro ano, em 2002, após estudos e discussões coletivas com o Prob, apresentei a Proposta Pedagógica para a Biblioteca Escolar da Rede Municipal de Londrina para ser utilizada como documento guia a partir de 2003 (SILVA, 2006, p. 214).

Também eram ofertados aos diretores da escola e coordenadores/supervisores pedagógicos encontros para discussão e estudo sobre a leitura e a biblioteca, ou seja, sobre o projeto de formação de leitor da Rede Municipal, o *Palavras andantes*. Era preciso que o Prob fosse apoiado pelos seus superiores para executar as mudanças que eram necessárias.

No segundo ano de execução, o *Palavras andantes* já apresentava outra perspectiva, o projeto começou ser reconhecido pelas escolas e SME, o que sedimentou a conquista de o espaço Prob participar de cursos mensais em horário de trabalho e, conseqüentemente, aos poucos, a biblioteca saía da sombra. Cada participante dos cursos de formação deveria ser um multiplicador das ideias difundidas nos encontros mensais para os demais professores de sua escola. Eram incentivados, ao retornarem à escola, apresentarem o que foi discutido à chefia administrativa e pedagógica.

Além disso, nas reuniões pedagógicas da escola poderiam solicitar, pelo menos cinco minutos, para falar alguma coisa sobre o que estavam aprendendo sobre a leitura e a biblioteca escolar. Houve

aqueles que conseguiram utilizar parte da reunião para apresentar textos, realizar *Hora do conto* temática para os demais colegas professores, a fim de introduzir a discussão a respeito do *Palavras andantes*.

Fortalecer a formação do Prob acerca da leitura, da biblioteca escolar, da realização da Hora do Conto contribuía diretamente para a melhoria do trabalho realizado na escola e, fundamentalmente, tinha incidência direta na autoestima pessoal e profissional do grupo. Com o tempo, aquele grupo que era considerado o *patinho feio* da escola transformou-se num belo cisne.

Nesse sentido, a formação do Prob concretizou nas escolas municipais a prática pedagógica de se contar histórias para todas as turmas da escola, pelo menos uma vez por semana, ou seja, a realização da *Hora do conto*. Essa atividade foi discutida de forma teórica e prática, de modo que o professor pudesse ter tempo de amadurecer conceitos e prática e instaurar nas horas do conto escolares o padrão que estivesse consonante à perspectiva formativa do *Palavras Andantes* que era a valorização da leitura em função da fruição estética em detrimento do fazer, pois a “*Hora do conto* nas escolas da rede [...] estava intrinsecamente aliada a atividades escolarizantes tais como pintura, desenho, redação a respeito da história ouvida etc.” (SILVA, 2010, p. 108). Portanto, a *Hora do conto* era momento para saborear o texto lido, sem a preocupação de transformá-lo em pretexto para atividades de língua portuguesa ou de quaisquer outras disciplinas.

Esse foi um dos processos mais difíceis de conquistar, uma vez que, há anos, a Rede Municipal contava histórias como um pretexto para outra atividade didática. Não se pode simplesmente dizer ao professor que aquela forma pedagógica era inadequada, que desvirtuava o texto literário, que deveria abortá-la de seus procedimentos didáticos. Para isso, foi preciso convencer o Prob por meio da coerência de nossas discussões nos cursos de formação e, principalmente, auxiliá-lo a reinventar a prática cotidiana, pois o professor só abandonaria o modelo antigo se outro fosse construído em conjunto, se ele se sentisse confiante em transformar sua prática pedagógica. E isso, foi conquistado pouco a pouco.

De exceção como atividade pedagógica, a *Hora do conto* tornou-se realidade em todas as escolas da rede e, concomitante a ela, o empréstimo de livros que seria oferecido ao aluno, nunca imposto, como uma obrigação. Cada aluno tinha a liberdade para levar ou não o livro para casa. Com isso, nos sete primeiros anos do projeto houve um aumento de mais de 600% no empréstimo de livros na Rede Municipal de Ensino de Londrina.

Diante das medidas que foram constantemente implantadas para a formação do Prob, em outra instância, havia a preocupação em readequar o espaço físico e pedagógico da biblioteca escolar, uma vez que a reorganização pedagógica estava a caminho. A conquista dessa etapa era mais um elemento a agregar força ao projeto de formação de leitores da Rede Municipal de Leitura da Rede.

Em geral, a imagem da biblioteca, sua organização de acervo, a mobília, iluminação, enfim, o aspecto geral do espaço diz, indiretamente, acerca da relação pedagógica que a escola tem com a biblioteca e com a leitura. Esse conceito precisava ser discutido, disseminado e sedimentado na concepção que cada integrante do *Palavras Andantes* tinha do espaço de sua biblioteca que, na época, era um misto de almoxarifado e depósito.

Para que houvesse a consecução dessa etapa, deparei-me com o desafio de estudar a respeito de arquitetura de bibliotecas, cores e mobília para o prédio da biblioteca escolar e também para estabelecer convívio com os profissionais da área de projetos, obras e compras da Prefeitura de Londrina para atuar de perto na execução cada um dos componentes destinados à biblioteca da escola.

Com isso, trabalhei em conjunto com a equipe de arquitetos e engenheiros responsáveis pelos projetos e execução de obras de reforma e construção de escolas e, a partir de então, cada projeto novo contemplava o espaço para a biblioteca, com características próprias, conforme Avilés (1998, p. 55-56):

- O edifício da biblioteca deve ser agradável e confortável: quando se avista uma biblioteca, logo se deve sentir atraído por entrar nela;
- As crianças são sensíveis à beleza e ao conforto do prédio;
- A disposição das janelas deve permitir vislumbrar desde o exterior, até as atividades que estão sendo realizadas no interior da biblioteca, de forma que as crianças se sintam tentadas a entrar nela;
- É necessário personalizar fisicamente o edifício e sinalizá-lo com um logotipo;
- O espaço reservado às crianças deve ser funcional, atrativo e flexível;
- O local e o mobiliário devem ser visualmente atrativos e aconchegantes;
- Os móveis, lustres, cores e o piso devem proporcionar segurança às crianças.

A partir dessa integração profissional entre a coordenação do *Palavras Andantes* e o setor de obras foram desenvolvidas propostas que redimensionaram o conceito de projetar o espaço para bibliotecas, sua localização dentro do espaço escolar e, principalmente, a mudança no padrão de pintura interna do espaço que passou de barrado cinza e branco nas paredes para outros tons de cor que criavam um ambiente mais aconchegante.

Durante o período de 2003 a 2008, cerca de 30 escolas municipais tiveram sua biblioteca reformada ou reconstruída. Cada biblioteca recém-inaugurada recebia mobiliário novo, principalmente, mesas, cadeiras e estantes.

Organizar arquitetônica e pedagogicamente a biblioteca da escola, entre outros aspectos, pressupunha estabelecer a política de ampliação de acervo, para isso era preciso romper com a perspectiva, até então em voga, de que os livros para a biblioteca, basicamente, provinham de doações das famílias, que faziam um “limpa-estante”, geralmente para descartar livros que estavam entulhando a casa.

Com isso, o acervo da biblioteca era composto, em parte, de muitas enciclopédias, daquelas que eram vendidas de porta em porta, destaque especial para a coleção Barsa. Também existiam muitos livros didáticos e poucas obras de literatura infantojuvenil. Uma miscelânea desatualizada.

As poucas obras novas do acervo dificilmente chegavam aos alunos, pois a escola tinha medo de perdê-las ou estragá-las. Assim, era preciso também prover as escolas de informações a respeito do acervo e, principalmente, manter uma política para seleção e compra periódicas para as bibliotecas. Durante os sete primeiros anos do projeto foram duas compras, com intervalo médio de dois anos cada uma, cujos critérios foram:

- Oferecer títulos diferentes, sem repetição de volume, como a estratégia usada na compra do ano anterior;
- Cada escola receberia, no mínimo, 100 volumes/títulos diferentes;
- Inserir o maior número de editoras possível, para que o acervo da escola tivesse diversidade nos pontos de vista;
- Em média, 60% dos títulos corresponderiam à literatura infanto-juvenil;
- 40% dos livros para as demais áreas do conhecimento: história, arte, ciências, música, folclore, entre outros (SILVA, 2010, p. 106-107).

Para evitar que os livros recém-adquiridos permanecessem guardados na biblioteca, nos cursos de formação orientava, discutia as melhores estratégias para apresentar os livros aos alunos e dentre elas destacamos: quando os livros chegavam para a SME, antes de serem entregues às escolas, num dos nossos encontros seria para que os professores manuseassem, conhecessem o acervo, folhassem, lessem num primeiro momento; após essa etapa, discutíamos como apresentaríamos os livros na escola e ficou estabelecido: ao chegarem à escola, nas primeiras semanas, os livros permaneceriam à disposição dos professores regentes de sala de aula para conhecer o acervo; por último, haveria um evento na escola para apresentar os livros aos alunos, nesse dia poderia haver hora do conto etc. Era um dia de festa! Depois os livros estariam à disposição para o empréstimo na biblioteca da escola.

A meta era formar leitores numa Rede Municipal de Educação que possuía, em média, 30 mil

alunos, portanto, era necessário adotar medidas de política pública de leitura de modo a encaminhar a leitura e a biblioteca o mais próximo possível do que venha a ser o ideal numa comunidade escolar.

A resposta não demorou a vir, pois a cada ano era maior a adesão das escolas e dos professores ao projeto, às ideias disseminadas para a formação de leitores na escola. Assim, houve um aumento considerável dos empréstimos de livros de 2002 a 2008 na rede municipal, cerca de 600%, passamos de 72 mil empréstimos/ano para 640 mil empréstimos/ano, com praticamente a mesma quantidade de alunos, ou seja, a média de 30 mil alunos.

Esse avanço deveu-se a uma série de ações administrativas e, principalmente, pedagógicas em vistas de formar leitores na escola por meio da biblioteca, das atividades de *Hora do conto*, dos empréstimos de livros, da reestruturação do espaço da biblioteca escolar, mas fundamentalmente, devido a um mediador de leitura qualificado, que sabia envolver as crianças na leitura, que oportunizou às crianças chegar aos livros de modo atraente, natural, sem cobranças desnecessárias, escolarizantes.

As estratégias empregadas no *Palavras andantes* tiveram êxito, pois alcançaram reconhecimento da cidade, depois até em nível nacional ao vencer o Prêmio Vivaleitura em 2008, na categoria II que se referia a projetos em escolas públicas. Mais que o próprio reconhecimento além da própria SME/Londrina, importava que o grupo de professores do Prob estivesse com a formação bem fundamentada, de modo que ele próprio pudesse ser dono das ações que eram desenvolvidas na escola referentes à leitura. A primeira etapa estava sedimentada, portanto era preciso ampliar a ação do projeto.

2 A biblioteca escolar em Londrina e no Brasil de 2009 a 2012: ponto e contraponto

Da repercussão do *Palavras Andantes* no município de Londrina, em 2009 assumi a Diretoria de Bibliotecas do Município de Londrina, órgão da Secretaria Municipal de Cultura, responsável pela política de leitura e bibliotecas de Londrina, envolvendo a direção da Biblioteca Pública M. de Londrina que é a sede da diretoria, além de ser a responsável pelo processamento técnico do acervo das bibliotecas escolares municipais, aquelas que compunham o projeto.

Em 2009, como coordenador técnico-científico do projeto, elaborei o projeto de *Informatização e readequação do mobiliário das bibliotecas pública, infantil e bibliotecas ramais de Londrina*. Este projeto tinha como base a reestruturação da biblioteca pública e biblioteca infantil, além de incorporar as bibliotecas ramais, bibliotecas escolares e biblioteca do professor, interligando-as em rede, por meio de informatização, haveria a aquisição de software e equipamentos para dar consecução ao projeto. Nesse contexto, a aquisição do software seria extensiva ao uso das duas secretarias a que as bibliotecas estavam ligadas, à cultura e à educação.

Nesse plano inicial estava previsto que iniciáramos com seis bibliotecas, a saber, quatro bibliotecas da cultura e duas seriam o projeto piloto da educação. O projeto previa iniciar com duas bibliotecas - piloto e depois, gradativamente a cada ano, incorporar novas unidades, até ter toda a rede informatizada, interligada em rede nos próximos dez anos.

O projeto foi aprovado pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior /PR (Seti) em 2009 e daí em diante iniciou-se uma odisseia de trâmites e licitações para se conseguir usar a verba e adquirir o que tinha sido previsto no projeto. Foram dois anos para adquirir o software, o que ocorreu em novembro de 2011. Quanto aos outros equipamentos (computadores, leitores de códigos de barra, impressoras térmicas) foram licitados, mas até hoje não foram adquiridos, devido a trâmites burocráticos da administração pública.

Permaneci na Diretoria de Bibliotecas na Prefeitura de Londrina até dezembro de 2011, até que todos os encaminhamentos necessários à implantação do software fossem concluídos, dentre eles, o treinamento do pessoal tanto da cultura quanto da educação. Passei a me dedicar exclusivamente à docência em Educação na Universidade Estadual de Londrina.

Em 2012, iniciei o projeto de extensão universitária *Formação do mediador de leitura da*

rede pública de educação, sob o código 01654 (UEL, 2012), que visa oferecer estudo continuado a mediadores de leitura que atuam na rede pública de educação como multiplicadores (professores, coordenadores, supervisores pedagógicos etc.), ou seja, são formadores de professores mediadores de leitura que trabalham na escola, com projetos de formação de leitores, portanto, um dos projetos que estão inseridos na extensão universitária é o *Palavras Andantes*.

A sociedade brasileira ainda convive com as disparidades em vários âmbitos, o que recai na educação e, conseqüentemente, na biblioteca escolar e na formação de leitores. Nesse contexto, torna-se um desafio fazer com que a biblioteca escolar saia da idade da pedra e entre na era de acesso às novas tecnologias, na era *Hommo Sapiens Sapiens*, no século XXI.

No período neolítico (pedra polida ou lascada) iniciou-se a transição do comportamento nômade para o sedentário, de fixar residência, do desenvolvimento da agricultura, portanto, do surgimento da civilização. Metaforicamente, nossa biblioteca escolar está no período neolítico de sua evolução, pois ela é mais real no discurso que na prática pedagógica. Ainda está numa fase transitória, *nômade* no ambiente escolar, de implantação, como é o caso da recente Lei Federal nº 12.244/2010, que regulamentou a universalização das bibliotecas escolares no Brasil, embora haja o prazo de uma década para a readequação das instituições de ensino, portanto, caminhamos rumo à *sedentarização* da biblioteca, sua permanência e evolução na escola.

Um dos desafios da educação, que reflete a própria política nacional, é a tradição nefasta da descontinuidade. Nossas práticas como sistemas públicos estão sempre a mudar os objetivos e as metas sem avaliar o que já foi realizado. Em relação à biblioteca permanece a de ausência de planejamento de ações pedagógico-administrativas que prevejam investimento nos planos pedagógico e financeiro. Dessa forma, haveria continuidade no amadurecimento de propostas que fortaleçam o papel da biblioteca na busca de conhecimento, informação e lazer na escola, em concomitância com o investimento financeiro em acervo, espaço, mobília e aparatos tecnológicos.

Infelizmente a realidade não tem sido de investimento constante, pois, em geral, a biblioteca é inaugurada com os equipamentos básicos e um acervo mínimo, passam-se os anos e não há renovação de equipamentos, nem ampliação de acervo, o que deixa a biblioteca num estado de indigência, torna-a num espaço lúgubre, com equipamentos obsoletos e acervo sem ampliação ou renovação, conseqüentemente, o abandono desse espaço pela escola como um todo: direção, professores e, principalmente, pelos alunos que deveriam ser os que mais se beneficiariam dele.

Tem sido recorrente, tanto na instância federal quanto na municipal, os governos e a política de distribuição de acervo para as escolas, conforme Silva (2006, p. 49-50) constata:

Permanecia a ideia de distribuir livros apenas e não de uma política pública de leitura que tivesse objetivos claros para a formação de leitores. Como vimos a política de leitura do Brasil ainda persiste com os mesmos procedimentos, ou seja, enviar livros e mais livros, sem ao menos questionar se não seria mais pedagógico construir uma biblioteca na escola, investir no seu acervo, ampliar a variedade, formar professores para o trabalho com a leitura e estratégias para todas as áreas da escola explorarem a biblioteca.

A Lei nº 12.244/2010 estabeleça que a universalização da biblioteca escolar deva ocorrer em todo o país até 2020, hoje, dois anos após a implantação dessa Lei ainda não há respostas efetivas dos governantes a esse respeito, ou seja, como munir todas as escolas do país com bibliotecas em menos de uma década, pois permanece, basicamente, a política governamental de envio de livros à escola, entretanto, uma biblioteca não se constitui apenas de livros.

De acordo a pesquisa *Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil* (2011), o país possui 162.819 escolas, desse total, apenas 1/3 possui biblioteca:

QUADRO1- Escolas e bibliotecas no Brasil

Número de escolas no Brasil	Escolas com bibliotecas	Escolas sem bibliotecas
162.819	54.273 – (1/3)	108.546 – (2/3)

Fonte Base: Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil (2011).

Dessas 54.273 bibliotecas escolares declaradas pela pesquisa, nem todas estão em pleno funcionamento, ou possuem estrutura necessária para atender aos alunos. É provável que parte delas não esteja arquitetônica e pedagogicamente estruturada e que seja apenas um arremedo de biblioteca sem a infraestrutura necessária: espaço, mobília, acervo e profissionais em número e qualificação mínima.

Nesse sentido, conforme simulação que elaborada a seguir, será necessário um trabalho hercúleo para que, nos próximos oito anos, haja a universalização proposta pela Lei Nº 12.244/2010:

QUADRO 2 - Rumo ao cumprimento da Lei 12.244/2010 – 2012 a 2020

Data	
Maio – 2010	Promulgação Lei N.º 12.244 de 24 de maio de 2010, Lei de universalização das Bibliotecas Escolares
Maio – 2020	Prazo máximo para que todas as escolas possuam biblioteca
Setembro - 2012	Não há, até este momento, um projeto nacional para que todas as escolas tenham uma biblioteca.
2012 a 2020: oito anos para universalização	Construir/montar/readequar/concurso e contratação de pessoal qualificado: 108.546 bibliotecas escolares
	108.546 profissionais habilitados para a contratação
	1.130 - bibliotecas escolares por mês
	13.568-bibliotecas escolares por ano

Se 2/3 de nossas escolas estão sem biblioteca, o país tem o desafio gigantesco de estruturar 108.546 bibliotecas escolares, nos próximos oito anos, para cumprir a Lei em 2020. Importa lembrar que para se chegar à construção de uma biblioteca existem trâmites que a legislação exige, tais como: elaborar o projeto, encaminhar o processo de licitação, habilitar empresas para executar a obra, execução da obra, compra de mobiliário e equipamentos, contratação de pessoal para desenvolver o trabalho nas bibliotecas, são alguns dos procedimentos básicos para o funcionamento pleno de uma biblioteca, o que demandaria, pelo menos, um ano.

Considerações Finais

A leitura tornou-se um dos pilares que sustentam as relações sociais, a relação com a informação e o conhecimento e, principalmente, com a formação do ser humano. Estar à margem da leitura é permanecer excluído socialmente, ter menos acesso às conquistas sociais, uma vez que ela é a base para a relação do sujeito com o mundo atual.

Hoje está disseminado no discurso, tanto dentro como fora da escola, a necessidade de se fomentar a contínua ampliação de leitores, entretanto, as ações ainda são descontínuas e localizadas,

pois nesse âmbito pouco se fez em relação ao principal órgão representativo da leitura na escola, nesse caso, a biblioteca. Portanto, não se pode continuar ignorando a biblioteca e seu uso para o desenvolvimento do aluno e, conseqüentemente, da educação.

A biblioteca escolar no Brasil carece de investimento nos aspectos físicos e pedagógicos e, principalmente, de sua integração pedagógica com a escola, pois conforme constatamos em Londrina, ao iniciarmos o *Palavras andantes*, a situação era precária em todos os aspectos já mencionados. Lamentavelmente, a pesquisa *Avaliação biblioteca escolar no Brasil* (2011) também reafirmou a situação de abandono e exclusão dessa instituição em nossa sociedade.

É como se estivéssemos vivendo na pré-história da biblioteca escolar, no período *neolítico*, pois a luta ainda é pelos itens mais básicos de uma biblioteca que são o espaço, o acervo e o mediador. Ainda não conquistamos essas tecnologias para todas as escolas.

Outro aspecto que contribui para a estagnação neolítica da biblioteca é o inexpressivo uso pedagógico que se faz dessa instituição no âmbito escolar, pois utiliza-se a biblioteca para muitas funções secundárias, tais como depósito, sala para reforço escolar, castigo, portanto, fragmenta-se a função principal que está diretamente ligada ao ensino, à leitura e à pesquisa.

Esse distanciamento entre escola e biblioteca faz parte de um processo histórico de professores e gestores escolares que também foram formados sem a presença da biblioteca e, o pior, representa a distância do cidadão-professor com essa instituição, conseqüentemente, o mesmo descaso social será refletido no pouco valor que é se dado a ela.

Assim, nosso desafio é trazer para a escola uma biblioteca que esteja estruturada em todos os aspectos, ou seja, tanto no espaço físico quanto no acervo, nos equipamentos tecnológicos em concomitância ao fazer pedagógico, pois conforme relatamos anteriormente, isso foi possível com o *Palavras Andantes* em Londrina e, portanto, poderá sê-lo em qualquer outra região do país.

REFERÊNCIAS

- AVILÉS, Paloma Fernández de. *Servicios públicos de lectura para niños y jóvenes*. Gijón (Asturias): Trea, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Avaliação das bibliotecas escolares no Brasil*. Disponível em: <<http://www.oei.es/noticias/spip.php?article9314>>. Acesso em: 20 jul. 2012.
- _____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 12.244 de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a Universalização das Bibliotecas nas instituições de ensino no país. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2001-2010/2010/Lei/12244.htm>. Acesso em: 5 ago. 2012.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS [IFLA]. *Manifesto Ifla/Unesco para a biblioteca escolar*. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- SILVA, Rovilson José da. *Biblioteca escolar e a formação de leitores: o papel do mediador*. Londrina: Eduel, 2010.
- _____. *O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: formação e atuação*. 2006. 231f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA [UEL]. Projeto de Extensão: Informatização e readequação do mobiliário das bibliotecas pública, infantil e bibliotecas ramais de Londrina. Disponível em: <<https://www.sistemasweb.uel.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

Recebido em setembro de 2012.
Aprovado em novembro de 2012.